



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

DISCURSO SUJEITOS E ENUNCIADOS NAS OBRAS DE FOUCAULT E BAKHTIN

Simone da Silva Pinheiro¹

Introdução

Mesmo que os intelectuais tenham vividos em contextos políticos e culturais opostos, Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) e Michel Foucault (1926 – 1984) mesmo sendo distintas suas tradições filosóficas, tento estabelecer um diálogo com os dois em campos filosóficos diferentes na questão da linguagem, discurso, enunciado, poder. É em torno destes eixos que hora os dois se aproximam hora afasta-se que o debate se centra. Não sendo tarefa fácil refletir acerca do pensamento de tão fascinantes intelectuais.

Se Bakhtin se manteve engajado nas teorias Marxistas no eixo da linguagem, Foucault atravessa a fronteira do conhecimento, rompendo com rótulos, teorias, tornando-se impossível emoldurar seus estudos, ao ser questionado pela sua posição no campo das ideias o mesmo respondia: “ Não me pergunte quem sou e não peça para permanecer o mesmo” (FOUCAULT, 1969)

Não busco rastrear semelhanças nas obras dos autores, nem convergências ou divergências, tratasse da reflexão no campo da linguagem e do discurso através dos estudos Bakhtiniano e Foucaultianos nos seus respectivos estudos, abordagens e demonstração da ação dos sujeitos no campo da linguagem.

1. Linguagem em Foucault: Poder, Discurso, Sujeito.

As ideias proferidas por Foucault, em Arqueologia do Saber, livro publicado em 1969, são fundantes para construção dos estudos no campo da Análise do Discurso. Livro esse, de caráter teórico – metodológico, nessa obra o autor argumenta sobre seus trabalhos anteriores, desenhando o vasto campo das questões no interior dos quais se podem pensar uma teoria do discurso.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. Trabalho de conclusão da Disciplina Discursos, Sujeitos e Identidades.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Os estudos arqueológicos do autor têm como embasamento fundamental de sua obra a questão do poder. O intelectual se propõe construir uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder. O pesquisador constrói uma reflexão onde pensa que a condição de possibilidade de todo saber são relações de poder que lhe tornam possíveis.

A primeira obra onde o intelectual assenta sua reflexão é História da Loucura. Onde se propões estudar em diferentes épocas e sem se limitar a nenhuma disciplina, os saberes sobre a loucura para estabelecer o momento exato e as condições de possibilidades do nascimento da psiquiatria. Na obra o autor deixa de considerar a história de uma ciência natural, saindo do desenvolvimento linear e continuo a partir de origens que se perdem no tempo e são alimentadas pela interminável busca de percussores. A proposta é estabelecer relações entre saberes, possibilidade que destas relações surjam, em uma mesma época ou em épocas diferentes, compatibilidades e incompatibilidade que não sancionam ou invalidam, mas estabelecem regularidades, o que permite individualizar formações discursivas.

O autor não se limitou ao nível do discurso para dar conta da questão da formação histórica da psiquiatria. A grande descoberta do autor foi de perceber que a psiquiatria em vez de descobrir a essência da loucura e a libertar, ela é a radicalização de um processo de dominação do louco que começa muito antes da própria psiquiatria e que tem condições de possibilidades tanto teóricas quanto práticas.

A grosso modo o autor no possibilita pensar que tanto psiquiatria, como prisão, como as clinicas de um modo em geral, não servem para reabilitar ou libertar o indivíduo de seu "mal". Mas sim dominamo-lo e domestica-lo, fazendo com que ele não se torne um problema para o ideal de sociedade que se tem. A História da Loucura juntamente com vigiar e punir mostra como que a sociedade moderna passa do suplicio, ou seja, das formas retributivas para se castigar o erro, para técnicas disciplinares do corpo e da mente.

Dentro desta proposta arqueológica em nascimento da clinicas de 1963 Foucault discuti a os saberes médicos e como estes foram sendo modificados da passagem da idade clássica para moderna, na verdade o autor estabelece que a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

medicina hoje que classifica, dissemina saberes é fruto da modernidade, mudando radicalmente os objetos de estudos, classificando corpos como doentes, sujeitos as intervenções do poder/saber., assim criando em torno da medicina e do corpo discursos, articulados com outras instituições como a famílias, escolas, hospitais os discursos se envereda pelo corpo do sujeito, que dar a ele significados, formas, pois o discurso precisa de base de poderes, que através enunciados estabelecem a lógica de poder.

No terceiro capítulo de sua obra *Arqueologia do Saber* o autor dedica às questões dos enunciados, no qual o autor indica que o signo não existe fora do discurso, uma vez que para o signo ser de fato é necessário o acordo entre dois sujeitos. E quando as unidades básicas do discurso se unem eu tenho um discurso. O discurso é formado por enunciados que são ao mesmo tempo acordos entre os sujeitos sobre determinado signo, ao falar casa todos os sujeitos concordam que ela é para morar entre outras características, porém no momento que rompemos com esta ideia, temos um contra-discurso.

O discurso é constituído historicamente, não sendo algo pronto e acabado, não é natural, no entanto é datado, enunciado em determinado período, sendo algo transitório, instável movido por saberes. Estes saberes são estruturados por enunciados ordenados pelas instituições, dispendo os enunciados em formas discursivas, passando a ser assimilada pelo sujeito, transformado em diferentes discursos, porém serão as instituições sejam religiosas, médica, pedagógicas, jurídica que difundi o discurso no campo social através de diferentes linguagens.

No campo do discurso não é o estado que controla o poder, na sua compreensão o poder é articulado por diferentes saberes, cabendo ao estado articulação de discursos, organizados em campanhas mediáticas, encadeando dizeres, gestos, modas. A partir desta percepção o autor afirma que o corpo passa a ser vigiado, atravessado, docilizado, deslocando para margens, as vontades são anuladas por uma ordem discursiva que defini as ações em torno do corpo, por esse motivo as ações do discurso pedagógico nas escolas, jurídicos nas cadeias e na vida social no todo, do médico, categorizando gestos e atitudes saudáveis.

Quando se junta os enunciados formasse o discurso, ganhando um corpo coletivo, por seguinte é visto como verdade, por meio do procedimento da formação



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

discursiva o discurso é tido como verdade, adentrar o espaço da linguagem com os mais variáveis campos da semiologia transpondo o imaginário do sujeito, tal processo Foucault nomeou de subjetivação.

A subjetivação atravessa o corpo estruturando uma forma de agir e pensar formidável, em que normaliza as práticas, reproduzindo os discursos como verdades. Albuquerque Junior em sua obra *A invenção do Nordeste*, debate no campo do discurso como a região do Nordeste foi criada através de práticas discursivas no campo da arte, da literatura, do cinema, político, criado o imaginário acerca da região de atraso, seca, miséria absoluta, local da saudade, do artesanal, por vez subjetivados pelos nordestinos.

Então, para Foucault através do discurso o poder/saber marca territórios de ação, difundido pelas instituições, dessa maneira o poder navega nas diversas esferas sociais, não sendo um aspecto do centro ou da esquerda, não tem ponto de embarque, encontra-se nas margens atravessa corpos, são chamados por Foucault de micro poderes.

Quem determina a roupa da moda? O exercício para uma vida saudável? As normas de ensino para alcançar o letramento? O estado muitos diriam, o momento, a Ciências através de estudos laboratoriais. Não! Diria Foucault, todas essas formas de ser e agir são guiadas no campo do discurso, sobre a direção de saberes, médicos, pedagógicos, estilísticos, cabendo ao estado somente o papel de institucionaliza-lo, publicar, ratificar até que o mesmo se torne verdade. O estado não controla, nem muito menos é figura central do poder, pelo contrário o poder penetra nos espaços através de forte ação discursiva.

No caso da escola, que é meu objeto de pesquisa os discursos pedagógicos de ensino, de avaliações, formulários aceito como verdade pelo grupo que a usa, para Foucault são discursos de controle, docilidade dos corpos embasados no saber pedagógicos, que por meio de um forte aparato tecnológico criar corpos dóceis, incapaz de critica a ordem posta, prontos para servir ao mercado. Nesta lógica de ensino o sujeito acredita ser o redentor da ignorância social agindo cegamente iludido na máxima que a educação salva uma sociedade, que homens educandos fazem um país melhor, porém esse educado é para o filósofo francês o dócil, controlado, governado pelos poderes. Seja liberal, tradicional, construtivista o "milagre" é um discurso.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O poder atravessa o corpo do sujeito, não sendo fixo navegar nas margens, nos centros, nas esquerdas impossível encontrar seu ponto de embarque e desembarque, assim para o pensador ele se dar por meios de fortes relações, sendo impossível fugir dele, mesmos gênios como Ariano Suassuna, Glauber Rocha são influenciados pela força do discurso ao falar do Nordeste. Glauber Rocha segundo Albuquerque Junior em invenção do Nordeste, explica que o cineasta revolucionar com seu cinema Novo, tras a proposta de denuncia os problemas da região, mas narra o local, como seco, atrasado, rústico, partindo do ponto da representação e do discurso ele não rompe, mesmo gênio comete o erro de todo aquele que narra o Nordeste.

O discurso não tem por objetivo esferas institucionais, porém o alvo é o corpo na finalidade de controlar, adestrar, docilizar, para com isso gera uma sociedade de controle. Produzirá hora, sem reclamar da exploração do capital, guiado por imagens mediáticas de consumo e felicidade, com a ilusão do ter. Corpos dóceis não faz rebelião, por esse ângulo explicasse a necessidade das crianças cada vez estarem mais cedo na escola, porque quanto mais cedo mais rápido e eficaz será o controle. No tocante a escolarização o discurso de todos na escola, tem por objetivo o assujeitamento gerando sociedade cada vez mais consumistas, não pela valorização da aprendizagem e da liberdade de ser e de escolhe é pelo consumir, rompe-se com culturas aumenta as vendas.

O homem moderno rompe com o suplício, não se deve queimar, esquartejar, a ação não deve ser no físico, mas no psicológico, agindo nas emoções nos desejos, nas vontades. A escola rural surgiu do desejo dos embates, das ocupações, da batalha em torno do direito a terra, antes de qualquer coisa depois da terra é a escola, ela chega, mas chega esvaziada, descaracterizando os sujeitos, o local, as lutas, sobre a lógica do atrasado versus o moderno a escola penetrar no imaginário e retira do seio da comunidade o significado de luta, vida, cultura para reinar o poder do mercado.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

2. Bakhtin, Poder, Ideologia e Discurso.

Bakhtin no primeiro capítulo do seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* inicia os estudos afirmando que todo signo é ideológico, não havendo linguagem fora da luta de classes. Para o autor mesmo dentro da naturalidade do signo este por vez natural, de consumo tecnológico adquirir sentidos que ultrapassa as propriedades, neste ponto acerca de o signo numa relação com os sujeitos e as ideologias passa a refletir a realidade. Nesta perspectiva o signo convertesse em ideológico.

Os objetos de trabalho do cotidiano como as foices e o martelo usadas no trabalho manual, passou a representar um símbolo ideológico de lutas do Partido Comunista. Estes quando usados pelos homens antigos não formava signos, já que não tinha sobre suas formas e usos valores ideológicos era somente signos naturais, mas no momento que passou a representar uma luta, um conflito este se torna signo ideológico, reflexo de uma relação de poder entre os sujeitos. “Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, p 33, 2014,)

Neste viés de debate em torno do signo e da ideologia o autor afirma que os textos compõem no campo da linguagem um amplo espaço de produção de sentidos, símbolos, todavia os significados ocorrem do contato entre sujeitos, em que as vozes se cruzam não sendo a partir deste encontro as palavras do autor, mas dos dois leitor e autor ou dos diversos personagens que compõe a esfera social no campo do signo ideológico. Desta luta no campo da linguagem o discurso se faz.

Por esse prisma o enunciado é polifônico, ou seja, carregado de múltiplas vozes, dentro do campo da luta de classes sendo assim o signo é físico e não natural, as suas representações carregam no seu âmago os discursos.

Nesta lógica Bakhtin rompe com o conceito neutro da linguagem, porque os enunciados se fazem através de práticas humanas, o processo enunciativo para Bakhtin se dar no campo da ideologia, ou melhor, para haver um discurso é preciso haver as contradições no campo da História dos homens, portanto como afirmar que a linguagem se dar no campo da neutralidade se a mesma é feita por homens, logo é conflituosa, modificasse ao longo dos tempos, muda perante a cada grupo.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O enunciado é irrepetível, o sujeito toda que vez que fala, fala em contexto diferente ganhando assim um novo significado, já que o momento da enunciação não é o mesmo, são momentos múltiplos. Citando Larrosa "Os Beijos que te dou não são os mesmos que recebo". Nesta conjectura o autor afirma que suas ações de linguagem não será a mesma diante do retorno do outro, ele parte das mudanças de sentimentos, cultura, classes deslocando o enunciado para o campo do conflito, não sendo este neutro.

Bakhtin acredita ser o dialogo a forma de interação entre os signos ideológicos formando assim discursos através de diferentes conflitos entre os interlocutores. Essa ação dialógica poder ser no campo da verbalidade ou da oralidade, todos são carregados de ideologia. Um texto médico será escrito por um grupo de estudiosos das Ciências naturais, marcante pelo interesse do grupo, assim o texto terá em sua estrutura enunciados ideológicos deste grupo, sua forma de ver o mundo, suas limitações, seus signos. A mesma ação será dos grupos de rap, dos detentos seus signos são representações de suas vivências que entram em choque numa luta de classes. Dentro desta estrutura linguística de conflitos Bakhtin afirma que o objeto da linguística não é a língua como afirmava Saussure em seus estudos do início do século XX, publicado pelos seus alunos no livro Curso de Linguística Geral de 1916, em seus estudos revolucionários para o campo da linguística o autor afirmava que a língua era o objeto da linguística, sendo esta neutra, não sofrendo influências dos impactos históricos da sociedade.

Bakhtin diz que não, todo signo é ideológico, na sociedade moderna as imagens exercem sobre os indivíduos fortes influências, sendo assim os signos naturais será posto em propagandas como imediatismo de vontades, desejos, sonhos, conquistas, lutas, posses. Uma simples castanheira, árvore milenar das florestas da chamada Amazônia, torna-se símbolo de sedução de governos da região, com finalidade de encantamentos dos povos e domínio, ou melhor demarcar espaços, não é ingênuo, mas sim ideológico, carregados de desejo de poder. São símbolos de uma determinada ideologia marcados por representações de enunciados produzidos para dominar o outro. Nesta perspectiva qualquer objeto é ideológico marcado por significados, esses feitos por acordos sociais, culturais, econômicos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Todo signo para Bakhtin apresenta uma consciência individual, mas são os enunciados através de acordos sociais que determina o espaço do discurso, deste modo a linguagem atua no campo do social, sofrendo mudanças, transformações, determinando espaços, comportamentos. Neste contexto o ensino de gramática incorporar um modelo de discurso das elites que tentam impor sobre as classes inferiores formas de falar, escrever, ser, gerando no campo da linguagem arena dos conflitos de classes.

A luta de classes ocorre entre os signos ideológicos, uma vez que ao falar, escrever, encenar o sujeito manifesta seu olhar de mundo, vida, lugar, conhecimento, interação entre os discursos, nesse turbilhão de sensações, vivências o enunciado emerge formando a materialidade do discurso que defini a formação ideológica.

No campo do discurso Bakhtin debate o poder como forma de dominação, mas também mostra as saídas no espaço da resistência, pois se o discurso opera no espaço da luta de classes, este abre lugar para as resistências que bulam o poder e criando alternativas de resistir e penetrar no local do poder. No objetivo de mostra as diversas formas de desvio do poder institucional Bakhtin estudou a obra medieval de Rabelais, por meio dela o filósofo indica a resistência nas festas e ações de riso da Idade Média. Mesmo sobre um autoritário poder da igreja, os subalternos rompiam sem violência contra os mandos da santa fé. O Homem medieval durante as festas carnavalescas com seus atos, roupas, gestos, deboche gozam do amor e da liberdade sem sofre as sanções da cruel igreja, o poder arbitrário não alcançava seus corpos, desta forma gozavam do prazer da liberdade, entre palhaços e riso podia discutir formas de rompe com o poder. Por meio da brincadeira afirma o intelectual os sujeitos criavam novas formas de ser, lutavam no campo do poder com sorriso, resistiam.

As Palavras proibidas, antes não ditas ganham espaço durante as festas carnavalescas, em meio a poderosos olhares e controle de espaços os sujeitos rompem com poder. Se para Foucault o poder não veem de cima, mas de todas as esferas sociais, por meio de micro-poderes que regula a vida dos homens com discursos, não havendo formas de fugas na arena do mesmo, para Bakhtin existe possibilidades de outros poderes, outras palavras, como Marxista ele abre caminhos novos, atalhos, veredas, desvio entre as estruturas de poder, já que são organismos como o estado, igreja, escola que controla os espaços, os poderes são macros, então nessa logica cabe a classe



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

explorada inventar formas de resistência, por meio do deboche, da arte, dos caminhos não percorridos, de novas ideologias, possibilitando saídas.

3.0 Silêncio da Linguagem

Larrosa em sua obra *Pedagogia profana* (2004), no segundo capítulo ao dissertar sobre a obra Handke e sua transmissão do silêncio, estabelece o debate no conceito de silêncio rebelde que rompe com essa sociedade verbarreia², rotineira, trivial, falsa presente nos discursos, para ele o campo da linguagem apresenta dentro da lógica do poder. O silêncio de Handke não é p silêncio intimidade, forçado, da única fala autoritária do discurso, dos micros poderes, das ideologias. Sua obra é na verdade ir à penumbra da linguagem, retira a camadas que envolvem o signo, todavia segundo Larrossa (2004) renovar o que “ sentimos e vivemos, o que nos pertence de mais particular, mas que os imperativos das rotinas da linguagem nos impediram de prestar atenção.

Foucault parte nos seus estudos que o homem morreu, ao afirma isso o filósofo rompe com as categorias científicas do século XIX em torno da razão e da centralidade do ser, assim o racional nada mais é que uma invenção da modernidade, sendo assim não passa de um discurso, uma tentativa de subjetivar o homem através de saberes médicos, pedagógicos, jurídicos. Neste sentido o autor mergulha no silêncio com a finalidade de dialogar com os loucos e criminosos, aqueles fora da razão e pelo silêncio que o pensador estuda os confinamentos, as escolas, prisões, da exclusão, tirando as camadas da linguagem, mas sem proposta de solução e de revolução dos silenciados, pois o mesmo rompe também com o homem proletário de Marx. Em seus estudos afirma: “não quero fazer a História dessa linguagem, mas sim arqueologia do silêncio “ (Foucault, p, 09, 1961).

As relações humanas criam-se através do discurso, consequentemente não há social fora das expressões da linguagem, dos enunciados, assim sendo no campo dos homens a linguagem ocupa o papel central, com toda essa importância ideológica segundo o estudioso o silêncio como prática humana está na ordem do dito, do enunciar.

² Termo usado por Larrosa, como conceito de falas excessivas.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O silêncio é marca da resistência presente no riso, no deboche, nas máscaras de carnaval, na literatura em cada espaço de luta das classes, assim em meio ao silêncio Bakhtin e Foucault se aproximam, pois ambos vão aos silenciados com métodos diferentes, após cada camada nos mostra o poder em meio aos discursos.

Considerações Finais

Saiu com dúvidas em meio tamanha eloquência de tão grandes pensadores que em caminhos opostos trouxe para o campo das Ciências Humanas questões em torno do signo, do saber, poder e das formações discursivas Foucault com seu método arqueológico desconstrói o homem moderno e Bakhtin Marxista leva para o campo da linguagem o sentido real dos estudos linguísticos ao afirmar que o signo é ideológico, situando o homem no centro do processo de produção do signo que deixa de ser neutro para ser movido pela arena humana de desejos, lutas, sonhos e medos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Referencias

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval, **A invenção do Nordeste e Outras Artes**, 5º edição, Cortez, São Paulo, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 16º edição, Hucitec, São Paulo, 2014.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do Discurso**. Graciano Barbachan, 1970.